



ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO: UM ESTUDO DA PSICOPATIA EM SERIAL KILLERS A PARTIR DA SÉRIE DEXTER

Roanna Vitória Pereira Sousa
UNDB
roannasousa2203@gmail.com

Jadson Ramos e Sousa
UNDB
psi.jadson@gmail.com

RESUMO

A psicopatia é um tema amplamente discutido na mídia e que desperta grande interesse do público, especialmente pela forma como personagens fictícios são construídos para provocar curiosidade e fascínio. Nesse contexto, o presente estudo analisa a representação da psicopatia no personagem Dexter Morgan, da série Dexter (Showtime, 2006–2013), investigando como a ficção televisiva reconstrói, distorce e glamouriza conceitos clínicos associados ao transtorno. A partir de uma abordagem bibliográfica, o trabalho articula referenciais da psicologia forense, com destaque para as contribuições de Cleckley e Hare, com discussões sobre mídia e narrativa seriada, utilizando o modelo da “Televisão Complexa” de Jason Mittell (2015) como base teórica. Os resultados revelam que a obra representa com precisão diversos traços interpessoais e afetivos do Fator 1 da PCL-R, como charme superficial, ausência de empatia e manipulação, aproximando-se parcialmente da descrição clínica da psicopatia. Entretanto, a série suaviza aspectos fundamentais do Fator 2, minimizando impulsividade, irresponsabilidade e comportamento antissocial, ao construir um serial killer disciplinado, seletivo e guiado por uma lógica moral própria expressa no “Código de Harry”. Além disso, a narrativa atribui a Dexter capacidades emocionais incompatíveis com a psicopatia primária, moldando-o como um anti-herói complexo e moralmente ambíguo. Conclui-se que Dexter elabora uma representação híbrida, que combina elementos clínicos reais com idealizações ficcionais, contribuindo para a formação do “psicopata virtuoso” na cultura popular e influenciando a percepção social sobre o transtorno.

Palavras-chave: Psicopatia. Serial Killers. Mídia. Dexter Morgan. Análise.

ABSTRACT

Psychopathy is a theme widely discussed in the media and one that attracts considerable public interest, especially due to the ways fictional characters are constructed to provoke curiosity and fascination. In this context, the present study analyzes the representation of psychopathy in the character Dexter Morgan from the television series Dexter (Showtime, 2006–2013), examining how fiction reconstructs, distorts, and glamorizes clinical concepts associated with the disorder. Based on a bibliographic approach, the research integrates theoretical references from forensic psychology, particularly the contributions of Cleckley and Hare, with discussions on media and serial narrative, using Jason Mittell's (2015) “Complex Television” model as the main theoretical framework. The findings indicate that the series consistently portrays interpersonal and affective traits associated with Factor 1 of the PCL-R, such as superficial charm, lack of empathy, and manipulation, partially aligning with clinical

descriptions. However, the show attenuates essential aspects of Factor 2, minimizing impulsivity, irresponsibility, and chronic antisocial behavior, by constructing a disciplined and morally selective serial killer guided by the “Harry Code.” Furthermore, the narrative attributes to Dexter emotional capacities incompatible with primary psychopathy, shaping him as a complex, morally ambiguous anti-hero. The study concludes that Dexter creates a hybrid representation that blends clinical accuracy with fictional idealization, contributing to the cultural construction of the “virtuous psychopath” and influencing public perceptions of the disorder.

Keywords: Psychopath. Serial Killers. Media. Dexter Morgan. Analysis.

1 INTRODUÇÃO

A psicopatia é compreendida como um Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA), ou como construto de personalidade, ambos os termos são utilizados para descrever padrões duradouros e inflexíveis de pensamento, comportamento e funcionamento emocional que causam sofrimento e prejuízo para o indivíduo ou aqueles ao seu redor. A característica essencial do TPA é um padrão difuso de indiferença e violação dos direitos dos outros, manifestando-se desde a adolescência ou início da vida adulta. De acordo com a quinta edição do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5), esse padrão também já foi referido como psicopatia, sociopatia ou transtorno da personalidade dissocial (American Psychiatric Association, 2014).

É importante diferenciar psicopatia do TPA. Stefan e Telles (2017) complementam que a associação entre TPA e psicopatia não é assimétrica, a maioria das pessoas que preenchem os critérios para TPA não são psicopatas, já a maioria dos psicopatas atendem aos critérios diagnósticos para TPA. Autores ainda afirmam a prevalência de TPA na população é três vezes maior que a de psicopatia.

O termo psicopatia costuma ser usado para classificar indivíduos com apresentam uma importante tendência a prática criminal, marcados por um elevado índice de reincidência e acentuado quadro de indiferença afetiva e conduta antissocial. Porém, apesar das semelhanças, não deveriam ser consideradas iguais, já que para ser diagnosticado com psicopatia, o sujeito precisa corresponder a outros aspectos mais específicos encontrados na escala PCL-R de Hare (2003).

Os mais atuais pesquisadores reconhecem que o TPA não deve ser considerado sinônimo de psicopatia, por mais que possuam diversas semelhanças (Abdalla-Filho, Chalub, & Telles, 2016). A psicopatia é mais abrangente do que o TPA, pois abrange além dos aspectos comportamentais, aspectos afetivos e interpessoal.

Autores e pesquisadores descrevem o TPA como um transtorno distinto da psicopatia (Arrigo & Shipley, 2001; Gauer, 2001; Patrick, 2018).

As primeiras descrições técnicas de traços psicopáticos datam do século XIX, com Philippe Pinel, mas o marco clássico é *The Mask of Sanity* (Cleckley, 1941), cuja influência permanece até hoje. Autores como Karpman (1948), Lykken (1957) e McCord e McCord (1964) desenvolveram modelos que abordam os aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais da psicopatia. Mais recentemente, Hare (2003) ampliou o conhecimento sobre a origem, características e mensuração do construto, tornando-se referência internacional na psicologia forense.

No âmbito da psicologia forense, a psicopatia está associada a crimes violentos, incluindo homicídios em série, devido à ausência de remorso, frieza emocional e planejamento meticoloso. No que se refere ao TPA, no contexto carcerário, o diagnóstico pode alcançar até 80% dos prisioneiros (Patrick, 2018). No que concerne a psicopatia, nessa população, o percentual verificado em alguns países tem variados de 15% a 25%.

A análise da psicopatia na ficção, como na série *Dexter* (2006-2013), é relevante para compreender como conceitos clínicos e forenses são representados culturalmente. A série acompanha Dexter Morgan, um analista forense e assassino em série que elimina criminosos que escapam da justiça, guiado por um código moral próprio. A série ilustra como psicopatas podem ocultar seus traços sob uma fachada socialmente aceita, ao mesmo tempo em que dramatiza características típicas da psicopatia.

A obra estimula debates sobre moralidade, justiça e saúde mental, impactando a percepção social sobre serial killers e transtornos ou construtos de personalidade. Analisar *Dexter* permite refletir sobre a interface entre psicologia e cultura popular, esclarecendo equívocos e aproximando o conhecimento científico da sociedade, além de contribuir para a formação acadêmica e profissional em Psicologia.

Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é investigar as semelhanças e divergências entre a representação da psicopatia em serial killers fictícios, como *Dexter Morgan*, e os conceitos forenses estabelecidos pela psicologia, por meio dos objetivos específicos que incluem analisar como a mídia retrata psicopatas, explorar critérios diagnósticos e características da psicopatia, relacionar psicopatia e

comportamento criminoso, examinar os traços psicopáticos atribuídos a Dexter e avaliar possíveis distorções entre ficção e realidade clínica.

A pesquisa será realizada por meio de abordagem qualitativa, exploratória e bibliográfica, permitindo analisar os aspectos simbólicos, narrativos e subjetivos presentes na série. Serão utilizados livros, artigos, teses e dissertações sobre psicopatia, psicologia forense, criminologia e cultura popular, além da análise direta dos episódios de Dexter, considerando os traços psicológicos do personagem e a construção narrativa. O estudo segue princípios do Código de Ética Profissional do Psicólogo (Resolução CFP n. 010, 2005), reforçando a importância de uma análise crítica e responsável sobre a representação da psicopatia.

Este trabalho está estruturado em seis seções. A primeira apresenta a introdução, com tema, justificativa, objetivos, problema de pesquisa e metodologia. A segunda seção aborda fundamentos teóricos e forenses da psicopatia. A terceira trata da representação da psicopatia na mídia e cultura popular. A quarta analisa Dexter Morgan sob a ótica psicológica e narrativa.

A quinta compara convergências e divergências entre ficção e literatura forense. Por fim, a sexta seção apresenta considerações finais, incluindo síntese dos resultados, respostas ao problema de pesquisa, limitações, sugestões de pesquisas futuras e contribuições do estudo.

2 A PSICOPATIA NA PSICOLOGIA CLÍNICA E FORENSE

O estudo da psicopatia tem uma trajetória histórica que antecede o próprio termo. As primeiras descrições técnicas datam do século XVIII com o psiquiatra francês Philippe Pinel, que descreveu a “mania sem delírio” (1801). Pinel (2004) observou indivíduos que, apesar de manterem a inteligência e o raciocínio intactos, eram dominados por uma “fúria instintiva” que os levava a atos de violência e crueldade sem remorso. Seu discípulo, Jean-Étienne Esquirol, deu continuidade à investigação em 1838 ao cunhar o termo monomania, que designava quadros em que apenas uma parte da mente, como os afetos ou os instintos (monomania instintiva), estava comprometida, sem afetar o restante das funções mentais (Esquirol, 1838).

No final do século XIX, Koch (1891) utilizou a expressão “inferioridades psicopáticas” para descrever irregularidades mentais que afetavam o comportamento,

mas que não se enquadravam como doenças mentais graves. Emil Kraepelin (1899) avançou na categorização, definindo as Personalidades Psicopáticas não como doenças, mas como variações anômalas do caráter. Schneider, em particular, definiu o psicopata como aquele cuja anormalidade de personalidade gera sofrimento a si mesmo ou à sociedade.

O marco clássico para a definição moderna foi a obra Cleckley (1941), *The Mask of Sanity*, que descreveu a “máscara da sanidade”: indivíduos que aparentam inteligência, charme e normalidade, mas são incapazes de experienciar emoções genuínas. Seus critérios clínicos influenciaram diretamente a criação da ferramenta diagnóstica mais importante da atualidade: a Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R), desenvolvida pelo psicólogo canadense Hare (2014).

A PCL-R de Hare (2014) organiza a psicopatia em dois grandes fatores, que demonstram a sua amplitude: Fator 1 (Afetivo-Interpessoal), engloba os traços que diferenciam a psicopatia do TPA, como charme superficial, senso grandioso de autovalor, mentira patológica, manipulação, e a notável ausência de remorso, culpa e empatia. Fator 2 (Desvio Social/Comportamental), concentra-se no estilo de vida impulsivo, irresponsável e crônico comportamento antissocial, mais alinhado aos critérios do DSM-5.

Uma pontuação igual ou superior a 30 na PCL-R é frequentemente usada para indicar a presença significativa de traços psicopáticos, o que a torna essencial para a avaliação do risco de reincidência. Hare (1999) afirma que indivíduos com pontuações elevadas na PCL-R apresentam uma taxa de reincidência até três vezes maior do que os não psicopatas, e são mais propensos a crimes violentos e premeditados. A prevalência do transtorno em populações carcerárias varia entre 15% a 25%, em comparação com cerca de 1% na população geral.

A natureza da violência psicopática é frequentemente instrumental e fria, pois o indivíduo age de forma racional e consciente de seus atos, mas sem se sensibilizar com as consequências, o que Hare (1999) aponta. Para o direito penal brasileiro, o psicopata não é considerado inimputável, pois ele comprehende a natureza ilícita de suas ações.

As bases biológicas dessa frieza têm sido investigadas por estudos de neuroimagem. Pesquisadores como Blair (2005) e Raine (2013) apontam disfunções na amígdala e no córtex pré-frontal ventromedial, áreas cruciais para a empatia, o

controle de impulsos e o processamento de medo e culpa. Anomalias nessa conectividade sugerem que a resposta emocional dos psicopatas é “fria”, baseada em um raciocínio instrumental.

A literatura também distingue entre a psicopatia primária (frieza afetiva, calculada, ligada a fatores biológicos/genéticos) e a secundária (impulsiva, ligada a trauma e ambientes disfuncionais) (Karpman, 1948; Skeem, Poythress, Edens, Lilienfeld, & Cale, 2003). Contudo, é fundamental a ressalva de que a psicopatia é um fator de risco e não uma causa determinista: nem todo psicopata é criminoso, e nem todo criminoso é psicopata. O crime é um fenômeno complexo, e a psicopatia apenas atua como um fator que aumenta a probabilidade de comportamentos antissociais.

3 O PSICOPATA NA MÍDIA E NA CULTURA POPULAR

A psicopatia permanece como um constructo de difícil consenso científico, sobretudo devido às divergências conceituais entre psicopatia, sociopatia e TPA. Apesar disso, o tema ganhou grande visibilidade na mídia, frequentemente de forma sensacionalista e superficial. Essa exposição contribuiu para equívocos, como a associação direta entre psicopatia e homicídio, mas também estimulou o interesse acadêmico e novas pesquisas.

Esse processo é evidente na série Dexter, que ressignifica o psicopata ao transformá-lo em objeto de interesse moral e empatia. O protagonista, guiado pelo “Código de Harry”, canaliza seus impulsos homicidas para eliminar criminosos, tornando-se um psicopata calculista, ambíguo e até “justo”. A série explora o conflito interno de Dexter, dividido entre sua vida comum e seu “passageiro sombrio”, convidando o público a refletir sobre moralidade, humanidade e justiça.

Como argumenta Usevicius (2019), a psicopatia na cultura popular é frequentemente moldada por narrativas que reforçam uma imagem racional e fascinante do psicopata, acentuando aspectos morais distorcidos. Essa representação dialoga com estudos neuropsicológicos, como os de Garr (2024), que mostram tendências utilitaristas no julgamento moral de indivíduos com traços psicopáticos.

O interesse por figuras que rompem limites morais é antigo. Personagens frios e cruéis aparecem desde a Antiguidade, como Caim e Judas na tradição cristã,

Medeia na tragédia grega e Iago em Shakespeare, todos representando formas arquetípicas do “mal” e antecipando traços hoje associados à psicopatia (Hare, 2003). Com o desenvolvimento da psiquiatria entre os séculos XIX e XX, especialmente com Cleckley (1941) e Hare (1999), o termo “psicopata” ganhou definição científica e progressivamente foi incorporado pela mídia.

A influência da mídia sobre a percepção social pode ser explicada pela Teoria do Cultivo, de George Gerbner, segundo a qual o consumo constante de conteúdos midiáticos leva o público a perceber o mundo real de forma semelhante às representações televisivas (Gerbner & Gross, 1976). Nesse sentido, a mídia não apenas informa, mas molda a compreensão social da psicopatia. O próximo tópico aprofundará como essa construção simbólica se expressa especificamente em Dexter, analisando suas implicações psicológicas e culturais.

A mídia atua como produtora de sentidos e não apenas como transmissora de informação. Segundo Berger e Luckmann (2004), a realidade social é construída coletivamente; quando certas representações se repetem e são legitimadas, passam a parecer naturais. É nesse processo que a figura do “psicopata” ganha força como um tipo social dado, ainda que mais baseada em construções simbólicas do que em critérios clínicos.

Gerbner (1970) explica como essa construção afeta o público: quanto mais tempo diante da televisão, maior a tendência de perceber o mundo como ele é representado na mídia. Assim, as imagens recorrentes de psicopatas moldam opiniões, emoções e crenças sobre o fenômeno.

Em síntese, a construção midiática do psicopata opera como um processo de estigmatização. Ao reduzir a complexidade clínica a traços de frieza, violência e genialidade perversa, a mídia molda o imaginário coletivo e influencia até práticas institucionais, como julgamentos e políticas de segurança. Essa dinâmica prepara o terreno para discutir, no tópico seguinte, como tais representações sensacionalistas se consolidam na ficção contemporânea.

A figura do serial killer é construída social e culturalmente por meio de narrativas que combinam mídia, ficção e imaginário coletivo. Filmes, séries, reportagens e livros enfatizam traços como frieza emocional, inteligência elevada e ausência de empatia, criando um estereótipo que aproxima psicopatia de violência serial, distorcendo o fenômeno clínico (Hare, 2003).

4 O PERSONAGEM DEXTER MORGAN: ANÁLISE PSICOLÓGICA E NARRATIVA

O presente capítulo dedica-se à análise do personagem Dexter Morgan, protagonista da série Dexter, produzida pelo canal Showtime e exibida entre 2006 e 2013, ao longo de oito temporadas. A produção destacou-se não apenas pelo alcance de público e pelas premiações recebidas, mas também pela abordagem inovadora da figura do serial killer, integrando elementos de suspense, investigação criminal e uma construção moral complexa.

A teoria da “Televisão Complexa”, proposta por Mittell (2015), oferece um referencial fundamental para compreender as transformações narrativas características da televisão contemporânea. Ao aplicar esse modelo à série Dexter, observa-se como a narrativa exemplifica de modo nítido os princípios centrais da Complex TV, especialmente no que diz respeito à construção dos personagens, à intricada estrutura narrativa e à recepção ativa e interpretativa do público.

Dexter Morgan representa o arquétipo do anti-herói moralmente ambíguo, figura central nas produções de televisão complexa. A serialização prolongada permite que o desenvolvimento psicológico do personagem seja realizado de forma gradual, aprofundando as tensões que permeiam sua vida dupla: a do serial killer que sente compulsão por matar e a do homem que desempenha os papéis de pai, irmão e profissional exemplar.

Essa construção contínua possibilita que o espectador acompanhe a evolução de seu passado traumático, comprehenda o “Código de Harry” como eixo moral de sua conduta e participe da ambiguidade ética que sustenta a narrativa. Mittell (2015), também destaca que narrativas televisivas complexas frequentemente convocam o espectador a estabelecer uma relação de cumplicidade com protagonistas falhos, exigindo simultaneamente empatia e julgamento moral.

Nesse sentido, o uso recorrente do voice-over em Dexter é crucial: o diálogo interno oferece acesso privilegiado à subjetividade do personagem, permitindo ao público acompanhar rationalizações, dilemas morais e justificativas internas, mesmo diante de comportamentos socialmente condenáveis.

Uma vez compreendida a estrutura narrativa da série sob a lógica da televisão complexa, torna-se possível aprofundar a análise sob uma perspectiva psicológica,

investigando como Dexter constrói a mente do protagonista e de que maneira esses elementos indicam traços compatíveis com a psicopatia.

Ao longo das temporadas, Dexter se apresenta como um sujeito dividido entre sua necessidade compulsiva de matar e o desejo de manter uma vida funcional, aspecto que seu pai adotivo, Harry, buscou preservar desde a infância ao orientá-lo a se misturar socialmente para não ser descoberto. Essa dupla existência oferece um terreno fértil para examinar critérios da psicologia criminal, especialmente os avaliados pela PCL-R (Hare, 2003).

O trabalho de Hare tem como base o modelo seminal proposto por Cleckley (1941), intitulado *he Mask of Sanity*, no qual a psicopatia é definida como uma síndrome marcada por charme superficial, ausência profunda de emoções morais e comportamento socialmente desviante. A partir dessas formulações, Hare desenvolveu a PCL e, posteriormente, a PCL-R (Hare, 2003), instrumento composto por 20 itens que avaliam dimensões interpessoais, afetivas e comportamentais, amplamente utilizado como padrão internacional na identificação e no estudo da psicopatia.

A partir dos critérios da PCL-R, é possível identificar em Dexter Morgan traços típicos tanto do Fator 1 (Personalidade), ligado às dimensões afetivas e interpessoais, quanto do Fator 2 (Comportamento), relacionado ao estilo de vida e à conduta antissocial.

No âmbito interpessoal, Dexter demonstra charme superficial, loquacidade e capacidade de adaptação social, especialmente em contextos em que precisa sustentar sua fachada de normalidade. Em diversas ocasiões, sua cordialidade e gentileza reforçam sua habilidade em manipular percepções alheias.

O relacionamento com Rita exemplifica esse mecanismo: Dexter admite explicitamente que seu envolvimento afetivo com ela é calculado para fortalecer sua máscara social, tanto que afirma: “Fingir é o que eu faço de melhor” (S01E03). O egocentrismo se expressa sobretudo em sua convicção de ser o único capaz de executar uma forma “verdadeira” de justiça, traduzida na obediência rigorosa ao Código de Harry. Essa percepção inflada de sua moralidade revela uma autovisão grandiosa, típica da psicopatia.

A manipulação interpessoal e a superficialidade afetiva são traços bem documentados na psicopatia. Por exemplo, Hauck, Teixeira e Almeida (2014)

destacam, em sua revisão sistemática sobre a PCL-R, que características psicopáticas envolvem modelos com superfícies interpessoais frias e falta de empatia. Dexter mente para colegas, amigos, familiares e, principalmente, para Debra, sua irmã, sustentando distintas versões de si mesmo.

No aspecto afetivo, Dexter demonstra ausência de remorso, culpa e empatia, critérios essenciais do Fator 1. Mesmo diante das consequências de seus atos, raramente expressa arrependimento genuíno. No episódio “Seeing Red” (S01E10), ao revisitá o trauma de sua infância, sua reação é marcada não por dor moral ou culpa, mas por fascínio pelo sangue, reforçando a insensibilidade afetiva que o caracteriza.

Em outro momento, declara: “Não sei o que é amor, mas sei que quero parecer como alguém que ama” (S02E05), evidenciando o esforço consciente para reproduzir emoções que não sente. Contudo, a série introduz nuances que complexificam essa avaliação. Alguns vínculos afetivos com Debra, Harrison e Hannah, sugerem que Dexter experimenta formas atípicas de apego emocional, ainda que distantes da afetividade esperada em indivíduos não psicopatas.

No Fator 2, observa-se um padrão comportamental marcado pela busca constante de estímulos, versatilidade criminal e dupla vida. Embora se apresente disciplinado, Dexter também experimenta necessidade intensa de excitação, sendo o “ato de caçar” fundamental para seu sentimento de completude. No episódio de abertura da segunda temporada (S02E01), ao tentar conter seus impulsos, admite sentir-se “incompleto e vazio”, o que reforça sua compulsão homicida.

Sua estrutura de vida depende de um padrão parasitário que utiliza o ambiente e as pessoas ao seu redor como cobertura: sua profissão, seu círculo social e Rita funcionam como estratégias de disfarce. Apesar de sua organização meticolosa, sua conduta revela irresponsabilidade moral e uma lógica subjetiva que justifica seus crimes com base no Código de Harry.

Desde a infância, flashbacks revelam comportamentos cruéis com animais, compatíveis com um desenvolvimento persistente da agressividade. A combinação entre domínio técnico, ocultação de provas e manipulação de cenas de crime demonstra versatilidade criminal sofisticada, ao mesmo tempo em que o Código de Harry restringe parcialmente sua delinquência e introduz uma ambiguidade moral que humaniza sua figura.

Dessa forma, a análise da PCL-R indica que Dexter sintetiza muitos dos elementos da psicopatia clássica descrita por Cleckley (1941) e Hare (1999; 2003), mas subverte outros, aproximando-se mais de um “anti-herói moralmente corrompido” do que de um psicopata clínico puro.

A série, porém, também registra momentos significativos em que o personagem se afasta do perfil psicopático típico, demonstrando respostas emocionais complexas. Um dos exemplos mais marcantes ocorre na quarta temporada, episódio 12 (S04E12 – “The Getaway”), quando demonstra preocupação genuína com Jonah, filho de Arthur Mitchell. Mesmo após anos de comportamento calculado, Dexter diz: “Não posso deixá-lo sozinho. Eu não posso fazer isso”, revelando empatia protetiva incomum.

Outro momento relevante ocorre na sétima temporada (S07E12 – “Do the Wrong Thing”), quando tenta evitar que Debra mate LaGuerta para protegê-lo, afirmindo: “Você não precisa fazer isso por mim”. Aqui, ele demonstra consideração pelo impacto psicológico da ação sobre a irmã.

A relação com Hannah McKay também marca uma inflexão emocional significativa. Em S08E07 – “Dress Code”, Dexter afirma: “Agora existe algo maior do que matar... é ela”, revelando um investimento afetivo que supera sua compulsão homicida. Episódios como S08E09 – “Make Your Own Kind of Music”, no qual expressa desespero ao tentar salvar a Dra. Vogel, reforçam esse desvio emocional.

A morte de Rita, em S04E12, provoca um sofrimento intenso, que é narrado por ele como um momento de ruptura subjetiva: “Eu nem era humano antes de conhecê-la, mas ela conseguiu despertar algo em mim”. A relação com Lumen (S05E12) também exemplifica esse distanciamento do perfil psicopático rígido, especialmente ao demonstrar tristeza sincera quando ela decide partir.

A representação de Dexter Morgan exemplifica como a ficção televisiva glamouriza o serial killer ao transformá-lo em um “justiceiro ético” (Mittell, 2015), criando um pacto moral com o público que permite sua absolvição simbólica. Ao apresentar o protagonista como analista forense dentro da própria polícia, a série subverte a lógica criminológica e constrói um personagem disciplinado, racional e guiado por princípios, distante do perfil clínico real da psicopatia (Babiak & Hare, 2006).

Essa idealização ocorre sobretudo pela minimização dos aspectos do Fator 2 da PCL-R, associados à impulsividade, descontrole e estilo de vida caótico, traços amplamente presentes em serial killers como Ted Bundy, Ed Kemper, John Wayne Gacy e Dennis Rader (Michaud & Aynesworth, 2012; Hare, 2003). Ao contrário desses casos, nos quais a violência é um fim em si mesma, Dexter age sob um suposto critério moral que legitima seus assassinatos e reforça seu egocentrismo (Fator 1), ao posicioná-lo como agente de justiça superior à lei.

Assim, Dexter preserva elementos do Fator 1 da PCL-R, como frieza emocional e manipulação, mas distorce profundamente o Fator 2 ao criar um assassino autocontrolado, moralmente seletivo e emocionalmente funcional. Seu sucesso narrativo reside justamente na capacidade de transformar uma patologia caótica em uma figura de anti-herói midiático, oferecendo uma versão ordenada, admirável e consumível do serial killer, um afastamento evidente da realidade criminológica (Bonn, 2013).

A construção subjetiva de Dexter Morgan é explicada pela combinação entre trauma precoce, socialização moral externa e desenvolvimento de um self dividido. A narrativa estabelece como evento fundador o assassinato brutal de sua mãe diante de seus olhos aos dois anos de idade. Segundo Kolk (2014), traumas precoces podem gerar dissociação emocional e dificuldade de formar vínculos, o que a série explora por meio dos flashbacks e gatilhos sensoriais que marcam sua memória.

Após o resgate, Dexter é adotado pelo policial Harry Morgan, que identifica cedo sinais de comportamento perturbador. Em vez de buscar tratamento, Harry cria o “Código de Harry”, sistema moral que canaliza seus impulsos violentos e orienta sua conduta. Como observa Meloy (1992), certos indivíduos traumatizados desenvolvem formas racionais de contenção dos próprios impulsos, no caso de Dexter esse controle assume contornos moralmente ambíguos por legitimar a violência.

Sua vida adulta revela um “self dividido”, próximo ao conceito de falso self de Winnicott (1960): uma fachada socialmente adequada sustentando um eu interno dissociado e violento. Dexter aprende a imitar emoções, interpretar expectativas sociais e desempenhar papéis enquanto mantém seu mundo interno isolado. Cleckley (1941) descreve essa duplicidade como característica central da máscara psicopática.

Apesar disso, a série mostra que Dexter desenvolve vínculos específicos que tensionam sua frieza emocional. Sua relação com Debra funciona como primeiro laço

estável; com Rita, ele aprende a performar intimidade e, após o nascimento de Harrison, enfrenta conflitos entre paternidade e impulso homicida. Personagens como Lumen e Hannah introduzem experiências de identificação e cumplicidade, sugerindo transformações subjetivas que ultrapassam a rigidez emocional inicial (Berryessa & Goodspeed, 2019).

Seu percurso ficcional revela a formação de um indivíduo moldado por trauma, por uma intervenção moral externa e pela necessidade contínua de sustentar uma máscara civilizatória. Assim, Dexter não representa apenas um diagnóstico psiquiátrico, mas uma metáfora da luta entre os impulsos destrutivos e as normas sociais que estruturam a vida humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste trabalho evidenciou a existência de uma intersecção complexa entre ficção televisiva e realidade clínica, revelando como a série Dexter mobiliza elementos da psicopatia real para construir uma narrativa atrativa, ainda que seletivamente distorcida. A representação do protagonista demonstra, por um lado, aderência a aspectos fundamentais do modelo clínico e, por outro, o uso de recursos narrativos que o afastam daquilo que a psicologia forense observa nos estudos empíricos.

No que diz respeito aos pontos de convergência, destaca-se a fidelidade com que a série retrata os traços nucleares do Fator 1 (Afetivo-Interpessoal) da PCL-R de Hare (1999; 2003), bem como elementos do modelo clássico de Cleckley (1941). Os comportamentos de Dexter Morgan se alinham de maneira convincente com a chamada “máscara da sanidade”: ele apresenta charme superficial, inteligência instrumental, alta funcionalidade social e capacidade de simular afetos, sem, contudo, experienciar emoções genuínas.

Sua ausência de empatia, sua superficialidade afetiva e sua habilidade para manipulação interpessoal aproximam o personagem do psicopata descrito pela literatura forense. Por outro lado, as principais divergências dizem respeito ao Fator 2 da PCL-R, relacionado à impulsividade, irresponsabilidade e comportamento antissocial .

A série transforma Dexter em um indivíduo meticoloso, disciplinado e orientado por uma lógica moral interna, expressa no Código de Harry, que funciona como justificativa ética para seus homicídios. Essa estrutura narrativa suaviza elementos centrais da psicopatia real, aproximando o personagem de um anti-herói moralmente selecionado, capaz de canalizar sua violência para fins socialmente entendidos como “justificáveis”.

A ficção também introduz um elemento etiológico simplificado: o trauma de infância como origem da psicopatia. Ao ancorar o desenvolvimento do personagem no assassinato brutal de sua mãe, a narrativa se aproxima de concepções ligadas à psicopatia secundária, mais associada a ambientes disfuncionais e experiências traumáticas.

Isso contrasta com os estudos que apontam a psicopatia primária como mais relacionada a fatores neurobiológicos e constitucionais. Assim, a série articula uma explicação que oferece maior coerência dramática, mas não corresponde integralmente à compreensão científica atual.

Em síntese, este trabalho conclui que Dexter converge com os modelos psicológicos ao retratar os traços afetivos e interpessoais da psicopatia (Fator 1), mas diverge dos referenciais clínicos ao reduzir a impulsividade, a versatilidade criminal e a desregulação comportamental (Fator 2). É justamente essa distorção que confere ao personagem um caráter humanizado, funcional e moralmente orientado, possibilitando que o espectador desenvolva empatia e até admiração por um serial killer fictício.

A principal limitação deste estudo reside em seu recorte metodológico: uma análise restrita a um único objeto ficcional e fundada majoritariamente em bibliografia teórica. Embora essa escolha tenha permitido aprofundar o caso de Dexter, ela não possibilita generalizações sobre toda a produção midiática envolvendo psicopatia.

Como propostas para pesquisas futuras, sugerem-se: estudos empíricos que analisem a percepção social da psicopatia antes e depois da exposição a obras ficcionais, especialmente entre estudantes de Psicologia e Direito; comparações entre diferentes personagens de serial killers midiáticos, como Hannibal Lecter, Joe Goldberg (*You*) e Patrick Bateman, com o objetivo de mapear padrões de aproximação e distorção frente ao referencial clínico-forense; investigações sobre os

impactos éticos e sociais da representação midiática de transtornos de personalidade no campo da Psicologia Jurídica e Forense.

A principal contribuição deste trabalho está na reflexão crítica sobre a interface entre Psicologia e Cultura Popular. A análise evidencia que o “psicopata midiático” é um produto cultural moldado por exigências narrativas e estéticas, e não um retrato fiel da complexidade clínica do TPA.

Ao diferenciar o Fator 1 (afetivo-interpessoal) do Fator 2 (comportamental) no contexto da ficção, este estudo auxilia tanto a comunidade acadêmica quanto o público geral a questionar representações romantizadas ou simplificadas do “monstro racional”. Mesmo com imprecisões clínicas, Dexter cumpre seu papel de provocar debate sobre justiça, moralidade e natureza humana, reforçando a importância da Psicologia em oferecer análises críticas, fundamentadas e capazes de dialogar com a cultura popular, especialmente quando esta molda percepções sociais sobre criminalidade, violência e subjetividade.

Além disso, é importante reconhecer que representações como a de Dexter contribuem para reforçar estereótipos consolidados na cultura midiática sobre psicopatas, especialmente a figura do sujeito excepcionalmente inteligente, calculista e estratégista. A literatura demonstra que essas características são frequentemente supervalorizadas na ficção, apesar de não corresponderem à totalidade dos casos observados em estudos clínicos e forenses. Silva (2016) argumentam que a mídia seleciona atributos dramaticamente mais impactantes, moldando percepções sociais que nem sempre refletem a realidade empírica. Assim, Dexter se torna um exemplo emblemático dessa estetização do comportamento criminoso.

Outro ponto relevante refere-se ao modo como o público recebe e interpreta essas narrativas. Pesquisas em comunicação mostram que espectadores expostos repetidamente a representações dramatizadas tendem a internalizar interpretações simplificadas e moralizadas da psicopatia. A construção narrativa de Dexter — que permite acompanhar seus pensamentos, dilemas e rationalizações — potencializa esse efeito ao criar um alinhamento afetivo entre personagem e audiência. Berryessa e Goodspeed (2019) explicam que essa estrutura contribui para uma “mitigação moral”, em que o espectador suaviza a gravidade dos atos violentos em função da empatia estabelecida com o protagonista.

Por fim, reafirma-se a necessidade de que produções audiovisuais que abordam temas sensíveis, como psicopatia e violência extrema, sejam analisadas criticamente por estudantes e profissionais da Psicologia Jurídica. Embora a ficção não tenha obrigação de reproduzir fielmente os modelos clínicos, ela exerce grande influência na formação do imaginário popular sobre comportamentos criminais e transtornos de personalidade. Compreender como obras como Dexter moldam expectativas e crenças sociais permite identificar distorções e, ao mesmo tempo, promover uma educação midiática capaz de diferenciar ficção e ciência, fortalecendo interpretações mais éticas e fundamentadas.

REFERÊNCIAS

- Abdalla-Filho, E., Chalub, M., & Telles, L. E. B. (2016). *Psiquiatria forense de Taborda* (3a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Arrigo, B. A., & Shipley, S. L. (2001). *Introduction to forensic psychology: issues and controversies in crime and justice*. San Diego: Academic Press.
- Babiak, P., & Hare, R. D. (2006). *Snakes in suits: when psychopaths go to work*. New York: HarperCollins.
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade* (24a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Berryessa, C., & Goodspeed, T. (2019). The Brain of Dexter Morgan: the Science of Psychopathy in Showtime's Season 8 of Dexter. *American journal of criminal justice : AJCJ*, 44(6), 962–978.
- Blair R. J. (2005). Applying a cognitive neuroscience perspective to the disorder of psychopathy. *Development and psychopathology*, 17(3), 865–891.
- Bonn, S. (2013). *Why we love serial killers*. New York: Skyhorse.
- Cleckley, H. M. (1941). *The mask of sanity*. Georgia: Digireads.
- Esquirol, J. (1838). *Des maladies mentales considérées sous les rapports médical, hygiénique et médico-légal*. Paris: Baillière.
- Garr, A. K. (2024). The role of the ventromedial prefrontal cortex in moral cognition: A value-centric hypothesis. *Philosophical Psychology*, 37(4), 970–987.

- Gerbner, G. (1970). Cultural indicators: the case of violence in television drama. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 388, 69–81.
- Gerbner, G., & Gross, L. (1976). Living with television: the violence profile. *Journal of Communication*, 26(2), 172–199.
- Hare, R. D. (1999). *Without conscience: the disturbing world of the psychopaths among us*. New York: Guilford Press.
- Hare, R. D. (2003). *Manual for the Hare Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R)*. 2nd ed. Toronto: Multi-Health Systems.
- Hauck, N. F., Teixeira, M. A. P., & Almeida, R. M. M. (2014). Estrutura fatorial da escala Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R): uma revisão sistemática. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 247–256.
- Karpman, B. (1948). The myth of the psychopathic personality. *American Journal of Psychiatry*, 104, 523–534,.
- Koch, J. L. A. (1891). *Die psychopathischen Minderwertigkeiten*. Ravensburg: Maier.
- Kolk, B. (2014). *The body keeps the score: Brain, Mind, and Body in the Healing of Trauma*. New York: Viking.
- Kraepelin, E. *Psychiatrie: Ein Lehrbuch für Studirende und Aerzte* (6th ed.). Leipzig: Barth, 1899.
- Lykken, D. T. (1957). A study of anxiety in the sociopathic personality. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 55(1), 6–10.
- Mccord, W., & Mccord, J. (1964). *The psychopath: an essay on the criminal mind*. Princeton: Van Nostrand.
- Meloy, J. R. (1992). *Violent attachments*. Northvale: Jason Aronson, 1992.
- Michaud, S., & Aynesworth, H. (2012). *The only living witness*. New York: Authorlink.
- Mittell, J. (2015). *Complex TV: the poetics of contemporary television storytelling*. New York: NYU Press.
- Patrick, C. J. (Ed.). (2018). *Handbook of psychopathy* (2nd ed.). New York: Guilford Press.
- Phillips, C. (Prod.). *Dexter*. Showtime Networks, 2006–2013. Série de televisão.
- Pinel, P. (2004). Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania (1801). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 7(3), 117–127.
- Raine, A. (2013). *The anatomy of violence: the biological roots of crime*. New York: Pantheon Books.

Resolução CFP n. 010, de 21 de julho de 2005. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>.

Silva, J. P. F. (2016). A Psicopatia a partir da Psicanálise: desmistificando a visão da mídia. *Mneme - Revista De Humanidades*, 16(37), 72–90.

Skeem, J. L., Poythress, N., Edens, J. F., Lilienfeld, S. O., & Cale, E. M. (2003). Psychopathic personality or personalities? Exploring potential variants of psychopathy and their implications for risk assessment. *Aggression and Violent Behavior*, 8(5), 513–546.

Stefan, D. R., & Telles, L. E. de B. (2017). Psicopatia x transtorno antissocial de personalidade. Publicações ABP Documentos E vídeos = ABP Publications Documents and Videos, 4. <https://doi.org/10.25118/issn.2965-1832.2017.756>

Usevicius, A. (2020). O novo psicopata: para além do antissocial. *Revista Raízes No Direito*, 9(1), 82–98.

Winnicott, D. W. (1960). *The maturational processes and the facilitating environment*. London: Karnac.